



Algumas Breves Histórias Sobre o Natal

semnome.org

Algumas Breves Histórias Sobre o Natal

semnome.org

O Natal de Nosso Senhor



No princípio, os cristãos reverenciavam os feitos redentores do Nosso Senhor Jesus Cristo, honrando-os não apenas nos ritos dominicais da “Páscoa semanal”, mas também na celebração anual da Páscoa, que surgia no domingo subsequente à primeira lua cheia da primavera.

Ao desabrochar do século IV, um deslizar do calendário litúrgico se delineava, enaltecendo a faceta “histórica” do legado de Jesus Cristo: a Sexta-feira Santa reverberava a memória de sua morte e da Última Ceia. Nesse mosaico litúrgico, ergue-se o Natal, marco do nascimento de Jesus, registrando em 336 d.C. o seu primeiro testemunho. Em sequência, irrompe a festividade oriental do Natal, a Epifania, aclamada em 6 de janeiro. Tal data reverberava a efeméride pagã do “Natal do Sol Invencível” (*“Natale Solis Invicti”*), instituído pelo imperador Aureliano em 274 d.C., em homenagem à divindade solar síria de Emesa, celebração que ecoava exatamente no dia 25 de dezembro.

A Solenidade do Natal desdobrava-se em uma celebração única, propícia para quatro Missas: véspera, noite, aurora e dia. Os textos desse rito festivo permaneciam inalterados ao longo dos três Anos Litúrgicos. Essa escolha meticolosa almejava aprofundar e reverenciar, quase em câmera lenta, o Acontecimento que metamorfoseara o curso da história: o divino entrelaçado ao humano. Deus se tornara homem!

Véspera: "*Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão... Matã gerou Jacó. Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo*" (*Mt 1,1-25*).

Noite: "*Não temais, eis que vos anuncio uma Boa-Nova que será alegria para todo o povo: hoje, vos nasceu, na Cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura*" (*Lc 2,1-14*).

Manhã: "*Depois que os anjos os deixaram e voltaram para o céu, falaram os pastores uns com os outros: "Vamos até Belém e vejamos o que o Senhor nos manifestou"... Foram com grande pressa... Voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus*" (*Lc 1,15-20*).

Dia de Natal: "*No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*"... "*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*" (*Jo 1,1-18*).

Eis que a Luz resplandece sobre o mundo. Hoje, tal como há mais de dois milênios, essa resplendência atravessa a densa cortina da noite e das trevas, banhando-nos em sua claridade. Essa Luz, para nós, possui semblante e nome: Jesus Cristo, cuja

vinda o profeta Isaías profetizou: “*O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz*” (Extraído da Missa da Noite de Natal, Is 9,1-6). Ele é o farol que ilumina o mundo em sua escuridão (Extraído do Evangelho do Natal, Jo 1,9; 3,19); Ele é a promessa de Esperança que jamais desaponta (Rm 5,5); Jesus, a linhagem e origem de Davi (cf. 2Sam 7,8ss, a promessa de Deus a Davi, IV Domingo do Advento, Ap 22,16); Jesus é a fulgente estrela matutina (Ap 22,16).

Aqui está o Natal: um Fenômeno, uma Efeméride capaz de transmutar o destino da história. “*Deus encarnou para nos adotar como filhos de Deus*” (Santo Irineu). Um evento tão significativo e crucial que a liturgia ansiou que o celebrássemos, como em câmara lenta, a ponto de possibilitar não apenas uma, mas quatro Missas de Natal: a véspera; a Noite; a da Manhã; e a do Dia de Natal.

Quatro Missas destinadas a experienciar toda a exultação desse evento que surpreendeu e subverteu os desígnios humanos. Eis a júbilo natalina: “*Hoje, vos nasceu um Salvador, que é o Cristo, o Senhor*” (Extraído do Evangelho da Noite, Lc 2,11). O Senhor Jesus emerge em nosso meio para proclamar “*não temais*”, dissipando a indiferença uns para com os outros, pois Deus, por meio de seu Filho Jesus, se comprometeu com a humanidade, enferma pelo pecado, para nos redimir.

Deus se Fez Homem Historicamente?



Os detalhes históricos do texto evangélico de Lucas, proferido na Missa da Noite, transbordam de precisão cronológica e contexto histórico: *"Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto para recensear toda a terra... antes do censo feito por Quirino na Síria..."* (Lc 2, 1-2). São detalhes que poderiam ser negligenciados em meio à ânsia pelo anúncio do nascimento de Jesus; no entanto, não se trata de trivialidades, pois indicam que o nascimento de Jesus não se restringe a narrativas fantasiosas, mas está enraizado na própria história.

A Árvore genealógica, tão evidenciada no Evangelho vespertino, por inserir Jesus numa linhagem, não exatamente imaculada, dada a presença de figuras que transpassam, Ele aceita integrar essa saga familiar, embora essa história não seja adornada por santidades. Nessa extensa enumeração, surgem Patriarcas e, em sequência, Reis, tanto antes como após o exílio na Babilônia. Entre esses monarcas, alguns foram devotos, outros idolatravam, imorais ou assassinos. E que dizer de Davi, cuja vida

entrelaça fidelidade a Deus, pecados e crimes (lembramos apenas do ato que confessou no Salmo 50, após a morte de Urias).

A genealogia objetiva testemunhar e atestar que Jesus é da "*estirpe de Davi*" (cf. Mt 1,6ss) e que a promessa feita por Deus a Davi, de erguer para ele "*uma casa*" (cf. 2Sm, IV Domingo do Advento), se consuma em Jesus. Ela revela que faz parte de uma história grandiosa, válida para o ser humano Jesus, o qual inaugura uma nova narrativa. Por trás de cada nome, por vezes enigmático, reside uma narrativa, por meio da qual Deus tornou possível a realização de algo. É uma página que desvela: por trás de cada semblante, há uma eleição divina e uma promessa, "*como era no princípio, agora e sempre*". Também nós somos "*eleitos*" pela graça de Deus: "*Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi*" (Jo 15,16). Não fomos selecionados por nossos méritos, mas pela Misericórdia divina: "*Com amor eterno te amei*" (Jr 31,3). Esta é nossa certeza: "*Desde o ventre materno, o Senhor me chamou*" (Is 49,1).

Assim como no passado, hoje Jesus ingressa nessa narrativa e nos convoca a contemplar além, a compreender este período histórico e social específico, não com uma ladainha de fracassos e lamentos, mas com aquela Luminosidade que vem do alto e ilumina tudo.

Quem Eram os Reis Magos e de Onde Vieram?



Os caminhos dos sábios, Gaspar, Baltazar e Melchior, permanecem envoltos em um véu de mistério, personagens de relevância ímpar na fé cristã, embora suas origens permaneçam entrelaçadas à penumbra do desconhecido.

A passagem bíblica única sobre essas figuras, encontrada em Mateus (Mt 2,1-12), sussurra sua proveniência do Oriente, sem alardear seus nomes ou a exata localidade de onde emergiram. Alguns relatos da tradição os nomeiam Gaspar, rei de Társis e da ilha Egriseula; Baltazar, rei de Godolias e de Sabá; e Belchior ou Melchior, rei da Núbia, conforme crônicas e a tradição da Santa Mão Igreja. Segundo o venerável Beda, doutor da Igreja, os magos partiram da Babilônia, Pérsia e Arábia, contudo, discernir a proveniência precisa de cada um permanece um desafio.

A despeito de informações parcias, sua relevância é inegável para a cultura cristã, celebrados na data de 6 de janeiro, rememorando sua visita ao Menino Jesus. No Brasil, os festejos, conhecidos como Folias de Reis, ecoam nos rincões de muitas

localidades brasileiras. Músicos e foliões trajados a rigor visitam residências, compartilhando alegria e entoando preces para o início do novo ano.

Liturgicamente, os Reis Magos encontram seu lugar na Festa da Epifania do Senhor, um evento que se alçou ao cenário no início do século IV no Egito, difundindo-se gradativamente para outros cantos do mundo. Essa celebração anseia focar na manifestação salvífica de Jesus além das fronteiras do povo judeu, reconhecendo nesses sábios não-abraâmicos e de distintas raízes étnicas o símbolo do amor divino por toda a humanidade.

Três estranhos vindos de terras longínquas, desconhecidos entre si, magos e astrólogos, amantes dos astros, reconhecendo a divindade que governa o cosmo, viram-se impelidos a seguir uma estrela resplandecente. Guiados pela constelação, os três reis se encontraram na encruzilhada ao pé do Monte Calvário, em Jerusalém. A língua era um abismo entre eles, mas o propósito comum os uniu.

Diante do Menino Jesus, oferecendo presentes emblemáticos: ouro, símbolo de realeza; incenso, em reverência ao sacerdócio; mirra, alusão a sua futura morte e ressurreição. Esses dons sustentaram a Sagrada Família em seu exílio no Egito, protegendo o Menino Jesus, Maria e José.

O frade carmelita João de Hildesheim teceu histórias e devoção aos Reis Magos através do "*Livro da gesta da tripla deslocação dos três muito Bem-Aventurados Reis*", compilando narrativas e relatos que atravessaram gerações. É por meio desta obra que conhecemos os nomes e origens desses três sábios.

Após visitarem o Menino Jesus e entregarem os presentes, diz-se que os reis viveram juntos na Índia, onde São Tomé, em sua jornada, encontrou emblemas artísticos da estrela e do Menino Jesus, além do sinal da cruz, todos mandados imprimir

pelos três Reis. O santo consagrou-os bispos. Próximos em vida, os três reis também encontraram a morte em intervalos estreitos, sepultados com honras em túmulos conjuntos, erguidos como centros de culto, de onde numerosos fiéis buscaram graças divinas.

No século IV, Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, em sua busca por relíquias cristãs, viajou aos locais santos e encontrou as relíquias dos três Reis na Índia, levando-as à grandiosa Basílica de Santa Sofia, em Constantinopla (hoje, Istambul). Séculos depois, essas relíquias foram transladadas para Milão e, posteriormente, para a bela catedral gótica de Colônia, na Alemanha, onde repousam num riquíssimo relicário desde 1164.

Qual a Origem do Presépio?



Foi São Francisco de Assis, numa noite de Natal em 1223, na aldeia de Greccio, na Itália, quem concebeu o primeiro presépio da história. Contudo, o santo jamais reivindicou direitos autorais ou propriedade intelectual sobre sua criação. Ansiando celebrar o Natal com a maior veracidade possível, São Francisco, com a bênção do Papa Honório III, ergueu um presépio de palha, com representações do Menino Jesus, da Virgem Maria e de José, acompanhados por um boi e um jumento vivos.

Neste palco singelo, a missa de Natal ecoou. O hábito disseminou-se pela Europa e além, transformando-se em tradição. A Santa Mãe Igreja acolhe com louvor a prática de erigir presépios durante o período natalino em igrejas, lares e até espaços públicos.

Quanto ao simbolismo das cores natalinas, o verde, o vermelho e o dourado ostentam soberania. O verde, em sua tonalidade primaveril, evoca renovação, esperança e regeneração. O vermelho, ligado ao fogo, remete à redenção e

ao amor divino. Já o dourado, associado ao sol, à luz, à sabedoria e ao Reino vindouro, encontra sua simbologia.

Na tradição católica, essas três cores conectam-se aos presentes dos Reis Magos: ouro (dourado), incenso (vermelho) e mirra (verde), entrelaçando a espiritualidade dos presentes à simbologia das cores.

Quem Inventou a Árvore de Natal?



A história da Árvore de Natal desvela-se como um legado creditado a São Bonifácio, o apóstolo dos germanos, que dedicou sua vida à evangelização da Alemanha. Nasceu na Inglaterra em 672 d.C. e encontrou seu martírio em 5 de junho de 754 d.C. Seu nome, em latim, Bonifacius, traduz-se como "*aquele que faz o bem*", ecoando o mesmo significado de seu nome saxão, Wynfrith. Enviado pelo Papa Gregório II à Alemanha em 718 d.C., incumbido de reestruturar a Igreja, lá permaneceu por cinco anos, disseminando o evangelho em terras que hoje compõem os estados de Hessen e Turíngia.

Foi em 722 d.C. que, ascendendo ao bispado dos territórios germânicos, São Bonifácio concebeu a Árvore de Natal, provocando uma revolução peculiar no cenário ambiental germânico. Nesse ano, derrubou um imponente carvalho consagrado ao deus Thor, próximo à atual cidade de Fritzlar, na Alemanha, marcando o início formal da cristianização na região. Em meio à queda da árvore, que arrasou tudo em seu entorno,

exceto um pequeno pinheiro, São Bonifácio interpretou esse evento como um sinal divino, um milagre.

Nesse período do Advento, enquanto discursava sobre o Natal, proferiu: *"Doravante, chamaremos esta árvore de Árvore do Menino Jesus"*. A tradição de plantar pequenos pinheiros para celebrar o nascimento de Jesus despontou, espalhando-se pela Alemanha e além, alastrando-se pelo mundo.

A tradição católica amalgamou a Árvore de Natal como uma nova Árvore da Vida, remetendo àquela do Jardim do Éden. Os adornos, como bolas coloridas, evocam frutos, símbolos de desejos, virtudes e sonhos das pessoas e do ambiente onde a Árvore de Natal repousa. No tempo de São Bonifácio, maçãs decoravam as árvores, simbolizando a nova frutificação e o antigo pecado original.

Ao contrário da narrativa edênica da serpente e da maçã, a Árvore de Natal se erigiu como um ícone de vida e redenção, plantada nos lares como símbolo de salvação. Velas também adornavam as árvores, representando Nosso Senhor Jesus Cristo, a Luz do Mundo.

A prática disseminou-se pela Europa e uma das primeiras referências ornamentais remonta ao século XVI, originária da Igreja da Alsácia, na França. As famílias adornavam os pinheiros com papéis coloridos, frutas, doces e enfeites. Esse costume transbordou pelas fronteiras europeias, alcançando o continente americano por volta de 1800.

Você Conhece São Nicolau?



Nos meandros do tempo remoto, há um relato de generosidade que repousa na história de São Nicolau, também conhecido como Santa Claus ou o célebre "*Papai Noel*". Há muito, residia ele nas terras da Ásia Menor, onde hoje se desenha o mapa da Turquia. Órfão em tenra idade, Nicolau herdou vastas riquezas após o falecimento precoce de seus pais, tornando-se um jovem abastado. Sob os cuidados de um tio sacerdote, ele encontrou um lar.

Conta-se que a magnanimidade de São Nicolau se revelou numa história comovente. Um homem aflito, despojado de seus recursos, tinha três filhas em idade núbil. Naquela era, o matrimônio demandava um dote, uma soma monetária que viabilizava o início de uma nova família. Diante da penúria, a família estava à beira da ruína, sem meios para sustentar-se. As filhas, desprovidas de dote, enfrentavam a iminente ameaça de serem vendidas como escravas, privadas do direito a um lar e de escolhas pessoais.

Na véspera em que a primogênita seria desposada, ela lavou suas meias e as dispôs diante da lareira para secarem. Enquanto todos repousavam, pai e filhas, algo inusitado se desenhou. Ao despertar, a filha vislumbrou algo dentro de sua meia: uma bolsinha repleta de ouro! O suficiente para sustento da família e como dote da jovem. Oh, a alegria que transbordou! No dia seguinte, outra bolsa repleta de ouro foi encontrada. Imagine-se! Duas filhas agora podiam ser resgatadas. Que júbilo! Na seguinte noite, o pai planejou manter-se vigilante para descobrir o benfeitor das filhas. Ainda que cochilasse, pôde ouvir um sutil "*clique*", indicando a queda de outra bolsa na sala. Levantando-se apressado, alcançou quem dobrava a esquina.

Era Nicolau, o jovem que residia com seu tio sacerdote. "*Nicolau, és tu! Obrigado por nos auxiliar, mal sei como agradecer!*", expressou o pai das donzelas. "*Por favor, não agradeça a mim, mas agradeça a Deus, pois Ele ouviu suas preces. Não revele minha identidade aos demais*", respondeu Nicolau.

Sua caridade desdobrava-se anonimamente. Sem almejar atenção ou gratidão, ele continuou suas obras. Anos se passaram e Nicolau foi convocado para ser bispo, incumbido de cuidar de seus fiéis como o pastor zela por suas ovelhas. E isso ele fez, providenciando trigo quando a fome assolava.

Ao longo de sua vida, Nicolau ensinou o amor a Deus e o cuidado pelo próximo, estendendo auxílio àqueles em apuros. Após sua morte, seu legado ecoou nas narrativas, contadas por marinheiros em suas viagens. Algumas histórias revelavam seu especial zelo pelas crianças, protegendo-as nos momentos de perigo. Assim, seu exemplo tornou-se um farol a guiar vidas, moldando-o como um santo.

Esta é a história verídica de Santa Claus, ou São Nicolau. Até os dias presentes, ele é reverenciado, especialmente pelas crianças. Conhecer a verdade sobre este santo é vital, evitando

que nos limitemos à faceta comercial que, ao longo do tempo, obscureceu sua essência benevolente.

De Onde Surgiu Papai Noel?



O genesis do Papai Noel remonta a São Nicolau, um bispo católico do idos do século IV, cujos passos ecoaram pelas ruas de Mira, nas terras que hoje abraça a Turquia. Sua lembrança perdura como a de um homem afável, munido do dom de presentear as crianças no alvorecer de seu próprio aniversário, no sexto dia do mês de dezembro. Entretanto, com os ventos mutáveis da narrativa e as derivações que a lenda acarretou, a data viu-se transmutada para o vigésimo quinto dia do mesmo mês.

Já a concepção do Papai Noel, com seu traje vermelho exuberante, encontra raízes em narrativas diversas. Uma delas remonta às tradições germânicas e nórdicas, quando a história sobre São Nicolau penetrou na região e, em oposição à figura do presépio católico, os protestantes adotaram o personagem do bondoso velhinho, então envolto em vestes de cores variadas. Quanto ao vermelho... Bem, esse matiz foi uma invenção publicitária da Coca-Cola.

O corpulento ancião, de barbas nevadas e vestimentas vermelhas de inverno, irrompeu inicialmente nas páginas da revista norte-americana Harper's Weekly, no idos de 1881. Entretanto, foi o artista Haddon Sundblom, em 1931, que o retratou num anúncio da Coca-Cola, adicionando-lhe um saco de dádivas e um gorro. Por meio de campanhas publicitárias bem-humoradas, onde o Papai Noel distribuía presentes pelos quatro cantos do globo, a marca de refrigerantes alavancou suas vendas, colhendo êxitos infindos.

E o Polo Norte? Mais que um cenário remoto, esse surgiu como artifício da Finlândia para fomentar o turismo local. Nos decênios de 1950, o governo finlandês erigiu uma vila na Lapônia, transformando-a no lar do afamado velhinho.

Quanto ao epíteto "*Papai Noel*", sua conformação em língua portuguesa tem raízes entranhadas no idioma francês, onde "*Noël*" reverbera o espírito natalino. No inglês, conhecido como Santa Claus, advém de uma derivação de "*Sinter Klass*", como São Nicolau era aclamado na língua dos Países Baixos.

Obrigado

a12.com
arautos.org
brasilparalelo.com.br
cancaonova.com
padrepauloricardo.org
vaticannews.va

Sem os conteúdos disponíveis em ambientes como o de vocês, essa coletânea de breves histórias não seria possível. Obrigado por todo o trabalho de evangelização que vocês realizam.